



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13832 - Painel Temático - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

Painel Temático

BARREIRAS SOCIAIS DO LAZER NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Cynthia Lopes da Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Luciene Ferreira da Silva - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Ida Carneiro Martins - UNICID - Universidade Cidade de São Paulo

Cynthia Lopes da Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BARREIRAS SOCIAIS DO LAZER NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Autores dos resumos expandidos:

Luciene Ferreira da Silva (Unesp, Bauru)/SP

Ida Carneiro Martins (PPGE/Unicid)/SP

Cynthia Lopes da Silva (PPGE/UFPR)/PR

Coordenadora do painel:

Profa. Dra. Cynthia Lopes da Silva

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Departamento de Educação Física, Programa de Pós-graduação em Educação, Curitiba

A proposta de painel tem como foco apresentar elementos teóricos, dados de pesquisa empírica e de uma experiência pedagógica com intuito de alertar sobre a necessidade de se discutir as barreiras sociais do lazer no contexto das sociedades atuais e, sobretudo, na formação de professores. Uma das categorias estudadas no lazer é justamente as barreiras inter e intraclasses sociais. As barreiras inter classes sociais são aquelas derivadas das diferenças entre as classes sociais, em que podemos identificar o pobre, a pessoa de classe média, classe média alta, classe rica etc. As barreiras intraclasses sociais são aquelas que impedem os sujeitos de terem acesso ao lazer a partir das diferenças internas nas classes sociais que envolvem estereótipo, gênero, cor da pele, deficiências etc. O lazer é frequentemente discutido nos currículos institucionais, principalmente na área de Educação

Física, no sentido instrumental do termo como um meio de recuperar energias dos trabalhadores ou como forma de distração a partir de uma visão restrita de jogos e brincadeiras. Assim, a proposta do painel procura ressignificar esta visão de lazer, defendendo-a como um direito social pautado nos princípios da Constituição Federal de 1988 e, portanto, um direito a ser garantido a toda a população a partir das políticas públicas setoriais e pela educação formal e não formal. Assim, a discussão das barreiras sociais do lazer na formação de professores é um caminho para que os estudantes ou professores em exercício saibam lidar com as diferenças e desigualdades sociais relacionadas ao lazer nas diferentes etapas do processo de escolarização (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), para que possam ter uma atuação profissional efetiva e reflexiva. Nessa perspectiva, inicialmente, a Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva (Unesp, Bauru) debaterá o tema **‘A educação para o lazer e a formação de professores (as) no contexto da escola pública’** a partir de um referencial da Pedagogia Histórico Crítica. Posteriormente, a Profa. Dra. Ida Carneiro Martins (UNICID) discutirá sobre **‘Educação para o lazer e formação de professores: as barreiras para a participação social das pessoas com deficiência’**. Por fim, encerraremos a discussão a partir do relato de experiência da Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva (UFPR) **‘Barreiras intraclasses sociais do lazer na formação de professores: novos olhares para a intolerância religiosa’**. As três propostas são baseadas em diferentes autores que configuram uma visão geral do painel como parte de perspectivas histórico-crítica e sociocultural.

Palavras-chave: Lazer; Barreiras sociais; Formação de professores; Educação.

A Educação para o lazer e a formação de professores (as) no contexto da escola pública

Luciene Ferreira da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – FC/UNESP

Palavras-chave: Educação; Lazer; Educação Física; Escola; Formação de professores.

Introdução

Para atuação de professores com o lazer e a educação para o lazer, há necessidade de aprofundamento do conhecimento sobre as barreiras sociais, portanto, há de abordar-se o lazer e os lazeres, considerando-se as classes sociais.

O lazer é um fenômeno social que emerge no contexto da sociedade de classes, por conta da organização social, decorrente da organização do trabalho no final do século XIX (MASCARENHAS, 2005; PADILHA, 2006).

Com a industrialização, a sociedade prioritariamente rural se transformou, demandando outras formas de convivência para além do tempo do trabalho, que foi reordenado, se distanciou do ambiente familiar, para outro, específico, a fábrica. Nesta, o trabalhador se viu dominado pela rotina e excesso de trabalho, que era desenvolvido em longas jornadas. Além disso, o trabalho compartimentado não favorecia que o trabalhador se sentisse como o autor do produto final fabricado. Vários sistemas de produção cada vez mais aperfeiçoados foram criados ao longo da história para aumentar a produção e os ganhos, o lucro. Essa necessidade não convergia com os interesses dos trabalhadores, que nada ganhavam com isso, já que independente da melhoria da produção, continuavam a ser assalariados. Então, nesse sistema social, que originou deste tipo de trabalho, a classe dos detentores do capital e a classe dos trabalhadores, se tornaram determinantes sobre os tipos de educação para cada uma das classes (MARX, 2013; SAVIANI, 2019).

No século XX, no Brasil, o Estado democraticamente estabelecido garantiu educação, saúde, habitação, lazer, esporte, transporte, segurança para a população e organizou sociopoliticamente o trabalho e a economia. Nesse sentido, as políticas públicas resultaram do embate entre as forças políticas que se constituíram para garantia de interesses das classes sociais (SAVIANI, 2019).

Historicamente, na formação de professores de Educação Física a abordagem do lazer ocorreu como “recreação”, pois a sociedade estava sob o regime militar e o povo necessitava, longe de ser educado criticamente, ser controlado e distraído. Também, na área educacional formal reinavam o ensino tradicional e o mecanicismo. (PEIXOTO, 2007; SAVIANI, 2021).

Nas décadas de 1970 e 1980 os estudos do lazer se desenvolveram na sociedade e, na universidade, em cursos de pós graduação, que continuaram se expandindo nas décadas seguintes. (PEIXOTO, 2007).

Em São Paulo, as universidades estaduais: USP, UNESP e UNICAMP tiveram significativo papel na difusão de conhecimentos em seus cursos de pós-graduação em Educação Física.

A abordagem crítica sobre o lazer esteve concentrada em pesquisas que debatiam a necessidade de políticas públicas de lazer e de esporte de lazer para a classe trabalhadora (PEIXOTO, 2007).

As mudanças no contexto sociopolítico brasileiro e econômico, planetário, corroboraram movimentos de retrocesso na educação e nas políticas sociais brasileiras, havendo necessidade de sua recomposição.

Problema

São várias as barreiras sociais para a classe trabalhadora, pois tanto os idosos, como os deficientes, as mulheres, os negros e os índios, entre outros, a compõem em número maior que na classe burguesa. É dessa classe social que está –se a pensar na abordagem do lazer e então começar-se a viabilizar com mais clareza a formação de professores.

Interessa para a classe trabalhadora uma educação que não reproduza a sociedade e para tal, os (as) professores (as) necessitam compreender historicamente e sociologicamente a sociedade na qual se vive. A compreensão da organização em classe e suas decorrências é muito definitiva para o rompimento com a educação dualista.

Justificativa

Os (as) professores (as), trabalhadores (as) da educação pública, vivem do salário que recebem por um trabalho, para o qual necessitam de formação abrangente, por meio de curso superior, inicialmente. De modo geral, a formação de professores em cursos de licenciatura, tenta dar conta de aspectos gerais da educação e específicos, de cada licenciatura (SAVIANI, 2019).

Para além da formação básica, a continuada ocorre por toda a vida profissional e deve favorecer a qualificação dos professores (as). Tal processo tem se mostrado bastante superficial no tocante ao desenvolvimento cultural e mais ainda no tocante aos estudos do lazer, na rede estadual paulista.

A formação cultural desses professores diminui conforme as oportunidades de acesso ao lazer reduzem, para todos que tem jornadas longas e baixos salários e, essa é a condição da classe profissional dos professores (as).

Consequentemente, os (as) estudantes, na escola pública são educados para o trabalho e o lazer, embora educativo, é pouco abordado e desenvolvido, caracterizando estes alunos (as) como sujeitos com conhecimento cultural restrito.

Aqui será apresentada uma forma de abrangê-lo e de potencializá-lo para qualificar a educação dos (as)estudantes, via professores (as) e licenciandos (as), em um projeto de ensino, visando ultrapassar as abordagens funcionalista ou compensatória do lazer (PEIXOTO, 2007).

O lazer é abordado como fenômeno social histórico em permanente processo de transformação.

Objetivo

Apresentar os resultados de um projeto de ensino e de pesquisa de educação para o lazer, que visou superar a barreira da classe social do lazer. Tal projeto teve como objetivos: - analisar e ensinar lazer ao longo de 2022 na Educação Física, no Ensino Fundamental, nos anos finais e no Médio e, ensinar lazer por meio de vivências (prática social) dos alunos, sendo estudada, aprofundada e compreendida em sua totalidade.

Metodologia

A abordagem do objeto se deu com sustentação no materialismo histórico dialético (MARX, 2013), com apoio na Pedagogia Histórico Crítica (SAVIANI, 2021b), para superação do senso comum e compreensão do lazer para além das suas aparências.

Marx (2013) concebe a realidade como objeto que precisa ser compreendido em sua totalidade, transposto para o pensamento e revelado na forma de teoria que o demonstre dinamicamente, resultado de conflitos e embates entre as classes que possuem diferentes interesses expostos nos processos históricos. Portanto, o lazer é historicamente constituído e foi apropriado pela burguesia, ora para a reposição da força de trabalho, ora para compensação dos excessos de trabalho, sobretudo, do tempo para o trabalho. Também foi apropriado pelo capital como mercadoria atraente devido à fetichização a ele incorporada.

A partir dessa visão, em um projeto de ensino, em uma escola pública, alunos licenciandos de curso de Educação Física, levantaram conhecimentos dos (as) estudantes acerca do trabalho, do lazer, das práticas sociais, do tempo social, dos equipamentos de lazer do bairro e do entorno, da cidade, etc. Tratou-se de uma pesquisa inicial, sobre os pré-conhecimentos dos (as) alunos (as) da escola.

O projeto se desenvolveu no âmbito do Programa Núcleo de Ensino da PROGRAD/UNESP, desenvolvido em 2022, com oferecimento de bolsas para os alunos (as) dos cursos de licenciatura desenvolverem estudos relevantes à sua formação, sob a orientação de professor (a) propositos (a).

A escola funcionava em três períodos diários e se situava em um bairro com muitas demandas sociais em uma cidade do interior paulista. Havia necessidade de manutenção dos alunos (as) na escola e oferecimento de olhar crítico sobre as práticas sociais, que favorecessem a mobilidade social das famílias. Assim, os (as) alunos (as) foram indagados pelos licenciandos, por meio de questionários, entrevistas e rodas de conversa, a respeito da vida social, do entorno, sendo levados a refletirem sobre os tempos, os equipamentos de lazer e a existência ou não de políticas públicas na área.

As práticas sociais foram levantadas, por meio dos eixos:

1. Lazer e natureza/meio ambiente;
2. Jogo e lazer na cidade e no bairro;
3. Jogo e lazer na escola;
4. Equipamentos de lazer públicos na cidade e no bairro;
5. Projetos públicos de lazer;
6. Lazer doméstico.

Resultados/Discussão

Após o levantamento, as respostas, por meio dos instrumentos já expostos, foram organizadas e analisadas:

1- Lazer e natureza/meio ambiente: “visitas com os familiares ao parque Vitória Régia e ao Jardim botânico, passear na praça, frequentar lugares “naturais”, ler um livro tomando sol, observar os animais, correr pela manhã, visitar o zoológico, cultivar horta e jardim e frequentar sítio”.

Considerada a categoria trabalho, do materialismo histórico dialético, sua organização na sociedade capitalista, dividida em classes e também a educação dualista, as falas mostram a falta de infraestrutura pública para que o lazer fosse praticado no entorno da escola, em sua relação com a natureza, ou seja, no bairro onde residem famílias de classe trabalhadora. Não aparece nas falas dos alunos (as) observação sobre a prática de lazer na natureza.

2- Jogo e lazer na cidade e no bairro: “oferecimento de cursos gratuitos e projetos sociais”. Foram citados: “campo de terra, pista de skate, quadra, praça pública, futebol, vôlei, basquete, academia, jogos amistosos com os amigos, sair para alguma festa, espaços para fazer exercícios e caminhada”. Uma aluna respondeu: "Em meu bairro tem um time: Beija-Flor, aos sábados tem um ‘esquentar’, uma reunião de quem quiser comemorar antes do jogo e aos domingos tem o jogo de manhã”.

As respostas se voltaram prioritariamente para os interesses físicos e esportivos do lazer e à prática do esporte institucionalizado abordado na sua forma midiática, reprodutora da competição individual e do *status quo*. Não houve compreensão do lazer e de sua relação com a cultura muito mais ampla e também com os outros grupos de interesse.

Os (as) alunos (as) confundiram oferta pública, espaços públicos em práticas públicas com políticas públicas, tornando-se a abordagem desses conceitos, fundamental para o existir social dos (as) estudantes. Para além das aulas de Educação Física, na escola como um todo, as temáticas que envolvem a vida social devem ser abordadas considerando a condição de classe dos alunos e professores, para segundo Marx (2013) trazer à consciência dos sujeitos, a realidade concreta. No caso, o lazer tal como ele se apresenta, tornando possível sua transformação na prática social.

3 - Jogo e lazer na escola: “nas aulas de Educação Física com oferecimento de práticas tais como: basquete, torneio interclasse, jogos de mesa (uno e xadrez), jogos e brincadeiras, queimada, vôlei e projeto ‘Escola da Família’”.

A categoria hegemonia revela o controle da classe burguesa sobre o atrelamento do lazer à prática recreativa, mesmo em aulas de Educação Física, exigindo a necessidade de qualificar os interesses dos (as) alunos (as) para o lazer em toda a sua abrangência pois a

recreação esteve voltada para a distração e o entretenimento. Na escola, o lazer deve ser compreendido ao mesmo tempo que a educação lúdica se desenvolve. Um sem outro desqualifica sua existência na escola.

4 - Equipamentos de lazer públicos na cidade e no bairro: “praça pública, quadra, academia pública”.

Os alunos (as), para além de citar observam que os equipamentos não são bem conservados e também revelam ser escassos, na região da escola. Observam que “as praças não podem ser utilizadas pois há problemas de saneamento”. E ainda que “as praças não são seguras visto que só podem frequentá-las acompanhados (as) dos familiares e durante o dia, pois a noite se tornam locais propícios a assaltos”.

Há existência dos equipamentos de lazer públicos, mas isso não basta, sendo necessária a conservação para o uso. Isso não ocorrerá sem a percepção legítima da necessidade que decorre de um processo sociopolítico, portanto, o bairro e outros do entorno, precisam de representação política composta de forma a fazer valer seus interesses de classe, o mesmo se observa com a segurança.

5 - Projetos públicos de lazer: “basquete, luta, escolinha de jiu-jitsu, escola de futebol do Jardim Silvestre, Sesi, Senai, horto, parque público (Vitória Régia)”.

Alguns alunos (as) relataram não conhecer nenhum projeto público, porém não foi a maioria, outros (as) alunos (as) aprendiam música e dança no Sesc, visando conhecer novas culturas e terem diferentes vivências sociais.

Os estudantes, em suas falas não se detiveram ao entorno, ao bairro. O Sesi, Senai e Sesc (sistema S) se localizam em outros bairros, distantes de onde residiam.

A reflexão sobre a educação dualista, produto da sociedade dividida em classes, permite verificar o interesse social pela educação dos moradores (as) que residem em bairros centrais e o desinteresse pela educação dos alunos (as) moradores (as) em bairros mais afastados.

6 - Lazer doméstico: “dormir, atividade doméstica, brincar com os irmãos, nadar, jogos eletrônicos, filmes na tv, fazer flexões (ginástica), cozinhar, comer, tomar sol, limpar o quintal, navegar na internet e *smarthphone*”. Um aluno relatou “acredito que o lazer doméstico seja baseado no celular, hoje em dia”.

Também, a educação dualista é positiva para refletir sobre a educação desses alunos (as) se restringir às mídias e à educação escolar, se caracterizando muito empobrecida.

A visão dos (as) educandos (as), em construção histórica é bem preocupante, pois, respostas como: “dormir” e “fazer serviço de casa” demonstram necessidade de conhecimento contextualizado sobre o lazer. Essas visões também mostram a prioridade das obrigações sobre o lazer na vida desses jovens e a pauperização da vida social juvenil. O quadro precário coaduna-se com o trabalho braçal para o qual esses alunos (as) estão sendo dirigidos.

Para interferência nesse contexto foram realizadas vivências desenvolvidas nas aulas de Educação Física, juntamente com o professor da escola, que se sustentaram nos grupos de interesse do lazer (artísticos, manuais, físico esportivos, sociais, turísticos e intelectuais) (MARCELLINO, 2006). Além das vivências foram realizados estudos e debates sobre lazer e sociedade, trabalho, tempo livre e direitos sociais à educação, saúde, lazer e grupos sobre interesse do lazer.

Esta abordagem inicial, por meio do contato teórico e com a realidade dos alunos da

escola, proporcionou aos licenciandos várias reflexões sobre: a realidade social, a organização social, o lúdico e a educação, o lazer e as classes sociais, a superação da barreira da classe social, e a educação para o lazer.

Foram ampliadas as discussões sobre as temáticas: trabalho, mercadoria e consumismo para respaldar a compreensão dos alunos sobre as práticas de lazer e também à sua ausência qualificada na vida da maioria das pessoas moradores do entorno da escola (PADILHA, 2006).

Há interesse pela ampliação do projeto para realização de estudos específicos sobre as políticas públicas para a educação e as políticas públicas de lazer para levantamento de necessidades, prioridades e de formas de acesso.

Considerações Finais

Considerando o objetivo de apresentar os resultados de um projeto de ensino e de pesquisa de educação para o lazer, que visou superar a barreira interclasse do lazer, da classe social, e que tal projeto teve como objetivos: - analisar e ensinar lazer ao longo de 2022 na Educação Física, no Ensino Fundamental, nos anos finais e no Médio e, ensinar lazer por meio de vivências (prática social) dos alunos, sendo estudada, aprofundada e compreendida em sua totalidade, os estudos realizados demonstram a ausência de lazer qualificado na vida dos alunos (as), e de entendimento do fenômeno social, bem como do trabalho e a visão que predomina é de práticas compensatórias sobretudo de interesses físicosportivos.

Os licenciandos e o professor de Educação Física compreenderam a realidade social sobre a qual é possível interferir para a qualificação educacional do grupo.

O grupo depende da iniciativa da universidade e da escola com seus agentes para sanar a ausência da abordagem do lazer na educação dos (as) alunos (as) das escolas públicas e mais do que isso da educação para compreensão da ausência e ou precariedade do trabalho e do lazer.

As barreiras sociais do lazer em uma sociedade desigual como a brasileira, são muitas, a da classe social é determinante de outras. A sua superação, dessa barreira, envolve atuação em várias frentes que são históricas. Aqui, a formação de licenciandos em Educação Física na universidade desenvolve-se na disciplina de Lazer e Educação e há perspectiva de enfrentamento da educação dualista em projetos de ensino, de extensão e de pesquisas na graduação e na pós graduação favoráveis para o processo formativo crítico dos licenciandos (as).

Referências

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Papirus, 2012.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. Entre o ócio e o negócio - Teses acerca da anatomia do lazer. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 8 (2). Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1526>, 2005.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. – **Estudos do lazer no Brasil**: apropriação da obra de Marx e Engels. Tese de doutorado FE UNICAMP. <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9725>, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44 ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

_____. **Pedagogia histórico crítica**, quadragésimo ano: novas aproximações. Campinas: Autores Associados, 2019.

_____. **Pedagogia histórico crítica**. 12 ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

Educação para o lazer e formação de professores: as barreiras para a participação social das pessoas com deficiência

Ida Carneiro Martins – PPGE/Unicid

Palavras-chave: Inclusão; PCD; Educação para o Lazer; Formação de professores.

Introdução

Historicamente, a inclusão de pessoas com deficiência (PCD) em diferentes áreas sociais sempre foi um desafio, pois a concepção de “normalização”, decorrente do pensamento relacionado à medicalização e reabilitação, vigorou por muitos anos. A partir do momento que se passou a considerar o paradigma de inclusão como pressuposto para a equidade de direitos e acesso a diferentes campos sociais, se observou avanços significativos, todavia, pode-se afirmar que ele, ainda, não se consolidou.

No paradigma da inclusão entende-se como necessária a modificação de contextos sociais no atendimento das PCD e de suas necessidades. Segundo Sasaki (2009), para que isso aconteça, é preciso reduzir as barreiras nas dimensões: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal, nos campos do lazer, do trabalho e da educação.

Foi, justamente, a preocupação em colaborar com tal movimento que impulsionou a construção do Protótipo Regional do Índice Olga Kos de Inclusão das PCD – IOKI_PCD que teve como finalidade a criação de um instrumento para verificar o perfil e a o grau de inclusão, caracterizando as principais barreiras à participação das PCD na sociedade. Na constituição do índice se observou os sete indicadores: Educação, Trabalho, Renda, Participação em Serviços de Reabilitação, Limitação de Atividades, Tecnologia Assistiva e Participação Social.

A primeira etapa de desenvolvimento do IOKI_PCD foi feita pela Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI, a partir de dados primários (MENDES *et al.*, 2021). O trabalho que ora se apresenta é relativo à segunda fase da pesquisa que possuiu o objetivo de produzir a melhoria do instrumento (GIMENEZ *et al.*, 2022). Especificamente, se utiliza de dados advindos do recorte feito sobre o indicador Participação Social, observando as questões que se relacionam com as atividades de lazer, pois o objetivo do presente trabalho é estabelecer a discussão entre o que tais dados revelam e a premente necessidade da educação para o lazer na formação de professores

Tal discussão se justifica, pois a mudança atitudinal frente ao processo de inclusão e às

PCD dependem da sistematização do conhecimento sobre o seu contexto em três níveis: entorno familiar, escola e sociedade. Sendo assim, na instituição escolar a inclusão não deve ser tratada só na perspectiva da transversalidade ou pela presença de PCD entre os alunos, mas sim enquanto conteúdo efetivo de componentes curriculares (GIMENEZ *et al.*, 2022).

Dentre as barreiras enfrentadas pelas PCD estão aquelas que impedem o acesso ao lazer e para que elas sejam suplantada é necessário a “Educação da sociedade como um todo e, especialmente, dos profissionais com poder de decisão, mas ainda preconceituosos a respeito de PCD, e que por isso deixam de abrir oportunidades de lazer para este segmento populacional” (SASSAKI, 2009, p. 6).

No entanto, quando a análise é dirigida ao lazer como objeto de educação, implica na consideração da necessidade de disseminar seu significado, esclarecer a importância, estimular a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento, ou contribuam para aperfeiçoá-lo (SILVA; RAPHAEL; SANTOS, 2006, p. 123).

Tal condição é, ainda, mais necessária quando tratamos das barreiras que impedem a participação em atividades de lazer das PCD, pois a melhoria das circunstâncias de compreensão e apoio trará melhores condições de participação social em atividades culturais, turísticas, físicas, esportivas, que proporcionarão o desenvolvimento pessoal e social do sujeito.

Metodologia

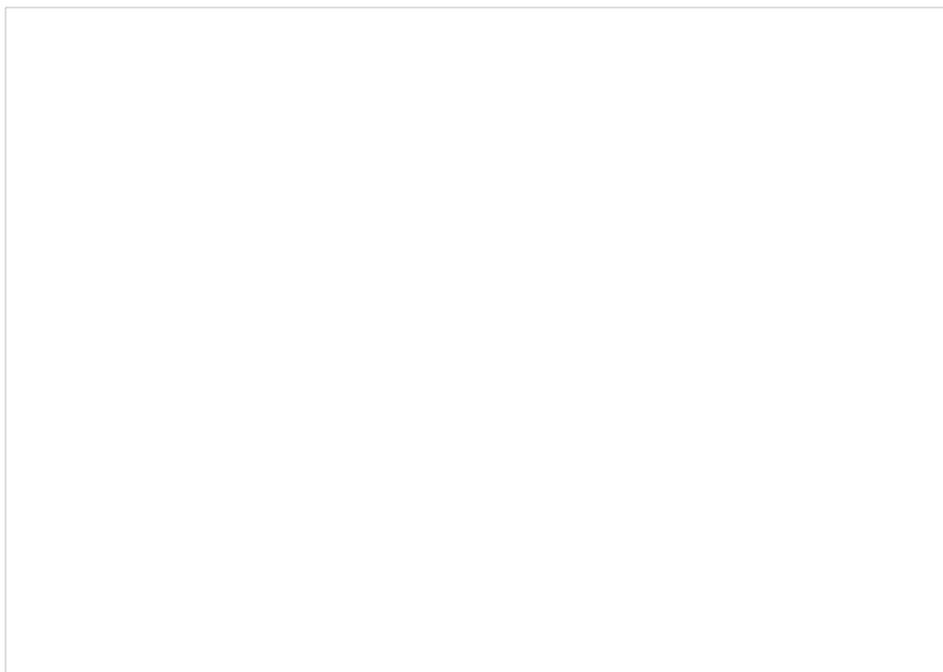
Na segunda etapa da pesquisa da construção do Protótipo Regional do Índice Olga Kos de Inclusão das PCD – IOKI_PCD foram feitas análises qualitativas e quantitativas dos dados obtidos por meio dos seguintes procedimentos questionários, entrevistas individuais e coletivas, acompanhamento de PCD (Shadowing) e escuta territorial. No presente trabalho utilizamos os dados dos questionários, observando as respostas dadas para o indicador Participação Social, em questões relacionadas às atividades de lazer, ou seja, um recorte específico. Os dados quantitativos oriundos dos questionários foram analisados por meio do pacote Estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 26, pelo teste de uma amostra ordinal do Qui-quadrado.

Os sujeitos de pesquisa foram as PCD que participam dos projetos de esportes e artísticos do Instituto Olga Kos – IOK, com idade superior a 18 anos e que assinaram o Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TCLE. O questionário foi respondido por 150 participantes.

Resultados e Discussão

Quando se considera que o desenvolvimento do sujeito se dá a partir de suas interações sociais, a participação social afirma-se como um aspecto de relevância para que as PCD possam alcançar as suas melhores qualidades e capacidades humanas (PINO, 2005).

As questões tratadas a seguir são relativas à participação das PCD em atividades sociais e de lazer. Ao serem perguntados sobre a participação em reuniões entre amigos e familiares 42,89% apontam que sim e 54, 11% disseram que não. Tal participação em grupos sociais é fundamental ao desenvolvimento das PCD e, sendo assim, haverá prejuízos aos sujeitos. Quando se observa a frequência com tais encontros acontecem, a situação fica mais preocupante. É o que se observa na Figura 1.

Figura 1 - Quantas vezes você participou de grupos de familiares e de amigos?

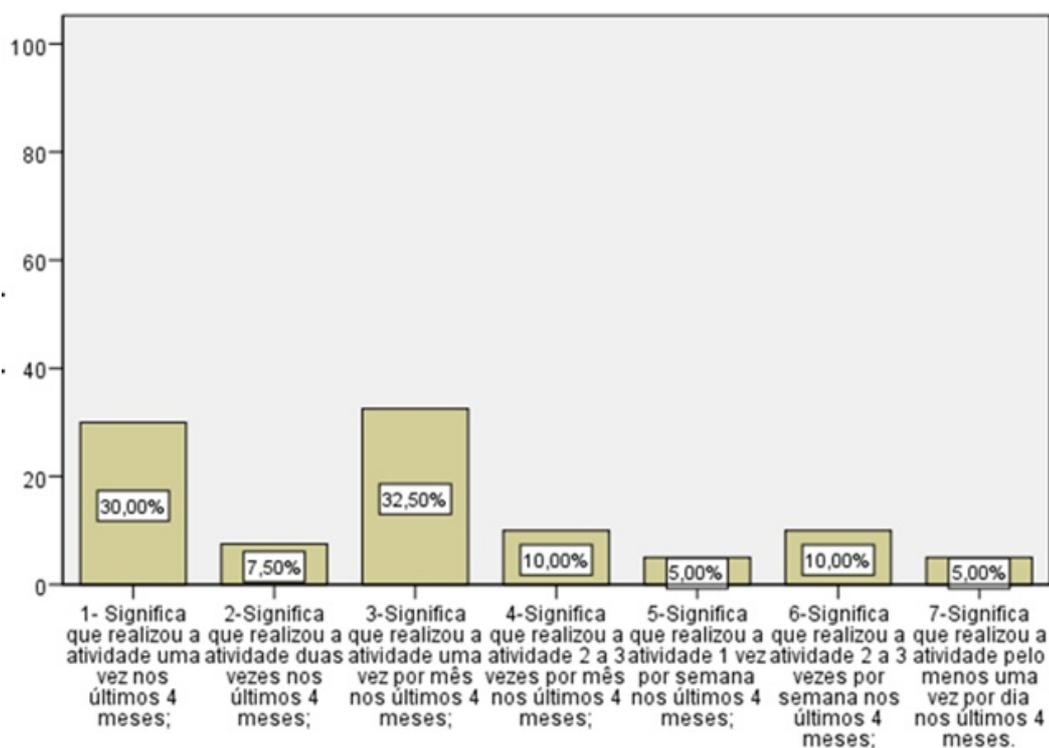
Fonte: produzido pelos autores.

Ao se observar a soma dos itens 5, 6 e 7, indicativos da frequência semanal na atividade, se verifica que dos 45,98, somente 43,29% frequenta semanalmente tais encontros. Sabe-se que as relações sociais são condição primordial ao desenvolvimento dos sujeitos, deste modo, se o PCD convive de forma cotidiana, só com o seu grupo familiar restrito, haverá prejuízos para ele. Ainda mais, não tem a possibilidade de aproveitar seu tempo livre em situações favorecedoras de interações sociais.

Em outros espaços sociais a não participação foi ainda mais marcante, pois os dados mostraram que 72,60% não frequentam atividades sociais em bares, praças ou outros espaços de convivência e, somente, 27,40% indicam que sim. Quando se olha para a frequência de participação em atividades desta natureza, os resultados são menores, como se observa no gráfico da Figura 2.

Figura 2 - *Quantas vezes você participou em atividades sociais*

em bares, praças e outros espaços de convivência?

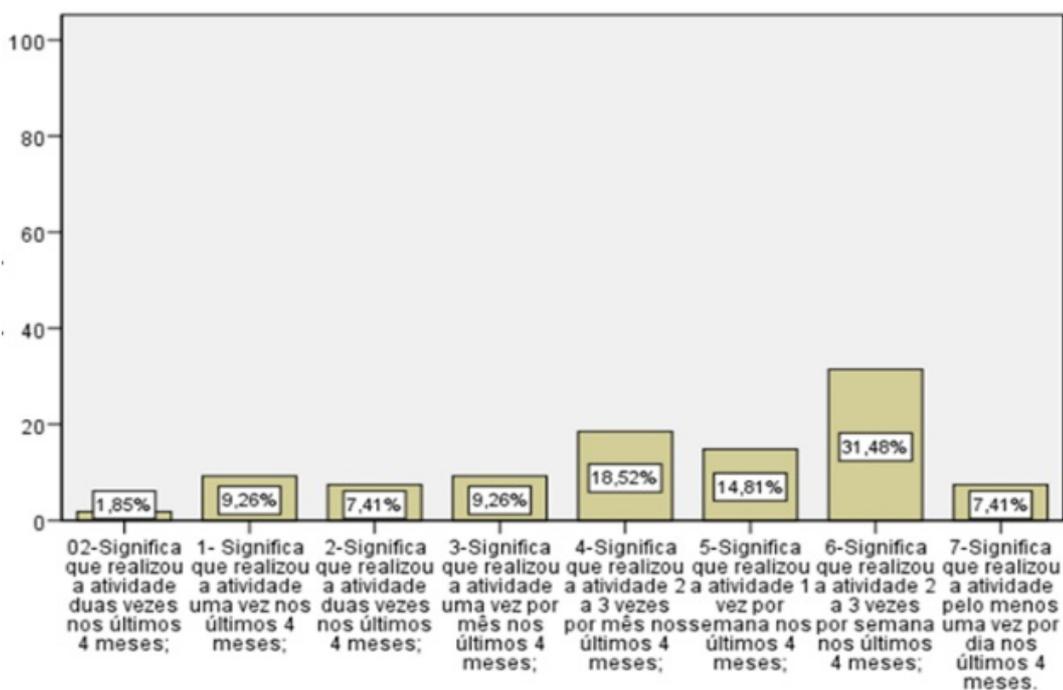


Fonte: produzido pelos autores.

Observando os dados, temos que a participação social semanal (itens 5, 6 e 7) dos sujeitos, ao considerarmos a frequência em atividades sociais fora do âmbito da família, temos que 20% apresentam tal possibilidade. Isso indica que as PCD ficam restritas às atividades formais como escolas e centros de atendimento, daí a relevância de um processo educacional voltado à mudança atitudinal desses sujeitos, assim como, daqueles com quem convive nas instituições, pois a não compreensão de suas possibilidades e de seus direitos é uma barreira para a participação em atividades sociais, o que faz da educação para o lazer condição primordial para tal superação (MAKIDA-DYONÍSIO, 2017). A educação para o lazer requer, no entanto, que a formação inicial e continuada de professores contemplem os elementos a ela relacionados, em linhas gerais, impõe-se a necessidade de revisitar os modelos utilizados de formação profissional, tanto no âmbito do currículo, como das estratégias de ensino (GIMENEZ, AGUIAR, 2018).

Quando se pergunta sobre a frequência em atividades físicas e esportivas, 36,99% indicam que tiveram alguma oportunidade de participação e 63,01% apontam que não. Sobre a frequência de participação, os dados indicam 5,37% o fazem pelo menos uma vez na semana (itens 5, 6, 7)

Figura 3 - Quantas vezes você participou em grupos de atividades físicas e esportivas?

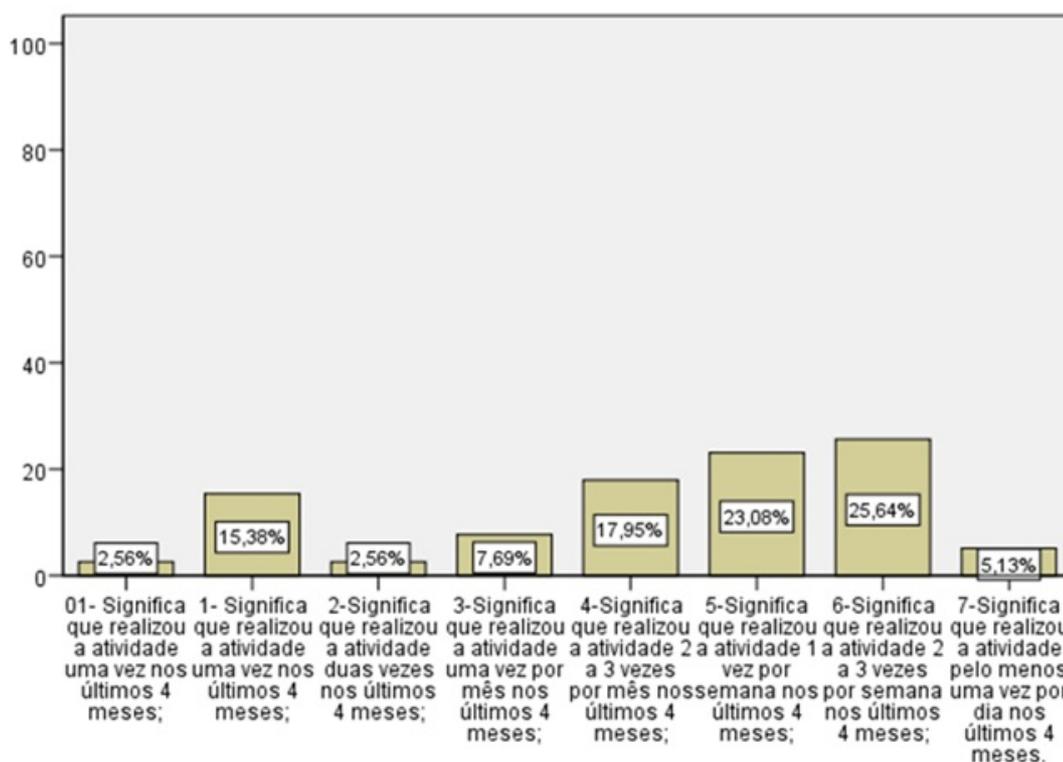


Fonte: produzido pelos autores.

Apesar do resultado ser, ainda, aquém do ideal, em relação aos outros, percebe-se que neste tipo de atividade a frequência é maior. Reforça-se que a participação da PCD em atividades físicas e esportivas é de fundamental importância para o seu desenvolvimento social, todavia, é condição necessária para a sua saúde, assim tais atividades necessitam ser incentivadas (WHO, 2003). Nesse caso, o papel dos professores de educação física é importante, em especial, requer que em sua formação que conheçam as especificidades das PCD, para que se possa encaminhar a mudança atitudinal deles, propiciando-lhes o envolvimento regular em tais atividades.

Já na participação em atividades artísticas se verifica que, somente, 26,71% das PCD as frequentam e, destas, não mais que 53,83% comparecem pelo menos uma vez por semana (itens 5, 6 e 7), como se pode observar na Figura 4.

Figura 4 - Quantas vezes você participou em grupos de atividades artísticas?



Fonte: Produzido pela equipe de pesquisa.

É importante o incentivo para a participação das PCD, em atividades desta natureza, as quais possibilitam a ampliação do universo cultural dos sujeitos, fundamental ao seu desenvolvimento (MARCELLINO, 2007).

Observando-se os resultados, o que se percebe é que a pouca participação das PCD são decorrentes das diferentes barreiras impostas a elas, em diferentes níveis, mas possibilitar a ampliação da participação social requer, efetivamente, a educação para o lazer e a escola é espaço promissor para que isto se dê, em especial, para a superação das barreiras da dimensão atitudinal (SASSAKI, 2009).

Considerações Finais

Os depoimentos indicam que a participação social das PCD é muito restrita e, quando muito, se estabelece com poucos membros da família. Outra questão que se impõe à baixa participação social é a não garantia de direitos básicos para a superação dos diferentes tipos de barreiras para a inclusão (SASSAKI, 2009).

Enquanto necessidades para a melhoria das condições para a participação social das PCD em atividades de lazer é preciso implementar um processo educacional que permita a acessibilidade atitudinal, para o reconhecimento de seus direitos e a compreensão de todo o processo para que a inclusão se estabeleça em três níveis: família e entorno familiar, escola e sociedade. Na escola o trato com o processo de inclusão poderia estar presente na estrutura curricular e não só na transversalidade ou na presença de uma PCD.

A superação da barreira atitudinal, em especial, o trabalho do professor para a compreensão dos diferentes tipos de deficiência, propiciará a tomada de consciência da PCD, assim como da comunidade que a cerca, do mesmo modo acontece com o processo da educação para o lazer. A melhoria das circunstâncias de compreensão e apoio à PCD trará melhores condições de participação social em atividades de lazer, fundamentais ao desenvolvimento pessoal e social do sujeito.

Considerando que na formação inicial e, por vezes a continuada, não tratam suficientemente da questão, é necessário considerar a incorporação de tais conteúdos na perspectiva curricular, para que a escola, enquanto espaço democrático e de inclusão, possa proporcionar a superação das barreiras em suas diferentes dimensões, permitindo o acesso às PCD às atividades de lazer, essenciais ao desenvolvimento humano desses sujeitos.

Referências

DOWNING, D.; CLARK, J. **Estatística Aplicada**. 2a ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GIMENEZ, Roberto; DA SILVA, Maria Heloisa A. Formação de professores para a educação básica: revisitando concepções e práticas pedagógicas por meio do prisma de teorias da complexidade. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 268–276, 2018. DOI: 10.26843/v7.n2.2014.481.p268 - 276. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/481>. Acesso em: 11 abr. 2023.

GIMENEZ, Roberto *et al.* **Relatório final do protótipo regional do Índice Olga Kos de Inclusão das PCD – IOKI_PCD**. São Paulo: IOK, 2022. 256 p.

MAKIDA–DYONISIO, C. **Inclusão escolar**: uma análise sobre os contextos sociais e físicos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. 2017. 137p. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MENDES, Vera Lúcia Ferreira *et al.* Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura - OEI. **Produto 4 - Relatório Técnico Consolidado**: protótipo do IOK_PC. Brasília: OIEA, 2021. 58 p.

PINO, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. 303 p. São Paulo: Cortez, 2005.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319b. Acesso em 06 de abr. de 2023.

SILVA, Renata Laudares; RAPHAEL, Maria Luiza; SANTOS, Fernanda Silva. Carta Internacional de Educação para o Lazer como ferramenta de intervenção pedagógica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 117–132, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v9i1.128. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/128>. Acesso em: 7 abr. 2023.

WHO. World Health Organization. **International Classification of Functioning, Disability, and Health**. 2003.

Barreiras intraclases sociais do lazer na formação de professores: novos olhares para a intolerância religiosa

Cinthia Lopes da Silva

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Palavras-chave: Formação de professores, Lazer, Cultura, Sociedade.

Introdução

A atitude muitas vezes passiva dos professores no ambiente escolar ou sem claras justificativas teóricas para as ações que desenvolve junto aos estudantes, atitude essa provocada muitas vezes em decorrência da burocratização do processo pedagógico, leva a comunidade escolar não reconhecer seu trabalho como decisivo diante dos problemas vividos pela sociedade, principalmente o lidar com questões relacionadas ao preconceito e a intolerância às diferenças culturais. O reconhecimento dessas diferenças envolve o aprendizado do lazer, já que é no tempo que as pessoas têm disponível que se ampliam as ocorrências de violência, preconceito, não aceitação das diferenças impressas no outro a partir do corpo. Uma das categorias estudadas no lazer é justamente as barreiras inter e intraclasses sociais. As barreiras inter classes sociais são aquelas derivadas das diferenças entre as classes sociais, em que podemos identificar o pobre, a pessoa de classe média, classe média alta, classe rica etc. As barreiras intraclasses sociais são aquelas que impedem os sujeitos de terem acesso ao lazer a partir das diferenças internas nas classes sociais que envolvem estereótipo, gênero, cor da pele etc e que aqui são o foco do nosso trabalho.

É fundamental que os professores tenham na formação profissional inicial e continuada acesso à uma visão crítica de lazer como fenômeno social e, principalmente, o conhecimento das barreiras inter e intraclasses sociais. O seu inacabamento como sujeito e ser humano faz com que seja necessária sua imersão nas discussões sobre o lazer no contexto atual para que no trabalho pedagógico na escola, os futuros ou já professores, possam ter uma ação pedagógica efetiva.

Diante do problema apresentado, este texto tem como objetivo analisar uma experiência pedagógica na formação de professores de Ciências da Religião em que foram utilizados elementos do lazer para combater a intolerância religiosa nas escolas.

Este texto se justifica pela necessidade de se ter elementos teóricos e relatos de experiência para auxiliar os professores nas escolas na mediação de conhecimentos junto aos estudantes de modo geral, na busca intensiva de minimizar os preconceitos sociais.

Método

Trata-se de um relato de experiência em que se busca o diálogo com obras de autores da linguística, da educação, do lazer para análise e discussão da experiência pedagógica, além da busca por dados que apontam evidências de violência na sociedade brasileira atual proveniente de preconceitos.

A experiência pedagógica foi realizada na disciplina Contexto Socioterritorial da Escola no curso de Ciências da Religião, a partir da parceria de duas universidades comunitárias do sul do Brasil. No total tivemos 18 graduandos participando da experiência pedagógica nas discussões em aula e na organização e realização do evento “Feira das

Religiões”. O local onde ocorreu a feira foi em uma das universidades parceiras no oferecimento do curso. Durante a disciplina, os estudantes tiveram acesso a discussões sobre a construção de ações envolvendo as entidades religiosas e a comunidade, utilizando para isso elementos e categorias provenientes de diferentes campos do conhecimento. Dentre os temas estudados e discutidos destacam-se: a questão das barreiras sociais do lazer, os conceitos de participação social, território e comunidade e também a construção de ações transformadoras e emancipatórias no âmbito da educação escolar.

Sobre as barreiras sociais do lazer (MARCELLINO, 2012), um dos pontos que mais chamou a atenção dos estudantes foi a barreira intraclasse social e da produção de preconceitos em decorrência do gênero, idade, estereótipo, questões étnico-raciais e a própria questão da intolerância religiosa. Sobre participação social tivemos como base Stotz (2022) que se refere ao termo como um modo de atitude ativa em que se busca a mudança e o conhecimento como direito de cidadania. Sobre território nos apoiamos em Sturmer e Costa (2017) e compreendemos o termo do ponto de vista da representação social de determinada área e sobre a construção da relação de pertencimento a essa área, local. O conceito de comunidade foi com relação ao que se tem em comum, das pessoas que fazem parte de uma população, de uma região ou de pessoas vinculadas por interesses comuns. Sobre a construção de ações transformadoras e emancipatórias nos baseamos na ação comunitária, o termo é definido da seguinte maneira por Requixa (1973, p.5):

Um trabalho socioeducativo que consiste numa intervenção deliberada em determinada comunidade, através de atividades programadas em conjunto com pessoas e instituições locais, objetivando despertar e ampliar sua consciência para os problemas da comunidade, sensibilizá-las para a mobilização e coordenação de lideranças e predispor-las para a ação que vise o encaminhamento de soluções daqueles problemas, ou a tentativa de realização de aspirações relacionadas com a comunidade como um todo.

A partir do trabalho com tais conceitos e estudos, os estudantes tiveram como tarefa formular um projeto para ação junto a comunidade, como exemplo a ser realizado nas escolas. Foi então que um dos grupos decidiu fazer um projeto sobre o evento “Feira das Religiões”. O projeto do evento deu origem a organização e realização da 1ª Feira das Religiões realizada em instituição universitária do sul do Brasil, em 2022. Para análise e discussão da experiência pedagógica nos apoiaremos em Bakhtin (1987), Freire (1998, 2014) e Marcellino (1987).

Resultados e discussão

A experiência pedagógica que deu origem ao evento “Feira das Religiões” foi fundamental para os estudantes aplicarem os conceitos estudados e serem criativos no sentido de utilizarem o espaço universitário para o desenvolvimento da ação planejada. O evento foi realizado em uma sala de aula ampla e a partir de tendas, representando as religiões: judaísmo, batuque, espiritismo e cristianismo. Os participantes da feira, estudantes do curso de Ciências da Religião (participantes internos), foram também os organizadores do evento e o público visitante (participantes externos) – outros estudantes de graduação, pós-graduação, amigos, familiares, funcionários locais e gestores da instituição interagiram, perguntaram e se socializaram ao percorrem as tendas da feira. O evento promoveu a interação entre os participantes e organizadores do evento, viabilizando o processo de ensino e aprendizagem.

A experiência com o evento foi decorrente do problema social da intolerância religiosa,

um problema que afeta pessoas de diferentes regiões brasileiras e etnias. Os dados apresentados mostram a realidade do problema vivido socialmente, fruto da intolerância social e da dificuldade das pessoas em lidar com as diferenças. A escola é o lócus das diferenças e representação da sociedade, é a partir daí que podemos fazer algo no sentido de contribuição para que o problema referente ao preconceito e a intolerância sejam minimizados e extintos. Para isso, é fundamental a posição da comunidade escolar, principalmente a visão colaborativa dos professores.

O evento “Feira das Religiões” foi uma construção conjunta em aula diante das discussões de alguns conceitos e sobre os preconceitos sociais e as contribuições dos estudos do lazer e de outras áreas. No evento, os estudantes levaram elementos específicos das religiões batuque, espiritismo, cristianismo e judaísmo, tais como: comidas específicas, trajes de roupas, livros e imagens. A intenção do evento foi promover uma feira das diferentes religiões, como estratégia de combate à intolerância religiosa.

O Brasil, sendo um país multicultural, as diferenças se expressam pelo corpo, pela religião, pela fala. Religiões de origem africana no Brasil ainda são tratadas como modos de fazer do “mal” em detrimento de religiões como o cristianismo, que é predominante no país. Porfírio (2023) indica que a intolerância religiosa, foco das nossas reflexões, está relacionada majoritariamente no Brasil ao racismo como podemos ver no parágrafo abaixo:

Infelizmente, a intolerância religiosa ainda é uma realidade que assola comunidades em todo o mundo. No Brasil, esse problema está relacionado majoritariamente ao racismo, pois a intolerância religiosa é praticada, em maior escala, contra os adeptos das religiões de matriz africana. Nesse caso, a intolerância religiosa carrega uma vontade de anular a crença associada aos povos originários da África.

O termo tolerância na literatura significa respeito às diferenças. Diferenças que aqui fazemos destaque não somente a questão da religião, mas a certos grupos sociais como os afrodescendentes e indígenas; LGBTQIAP+, de acordo com a Associação Brasileira LGBT (ABGLT) o termo significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersessuais, Assexuais e Pansexuais; pessoas com deficiência (intelectual, visual, auditiva, física, psicossocial e múltipla), dentre outros grupos. Historicamente, esses grupos que destacamos, têm sido atingidos pela falta de acesso às políticas públicas efetivas e a educação de um modo geral ou quando integrados na escola, não necessariamente participam dos componentes curriculares como os demais alunos, pelo fator de preconceito ou pela falta de conhecimento dos docentes e gestores da escola.

A “Feira das Religiões” como foi planejada e construída se aproxima do modelo de festa a que se refere Bakhtin (1987) quando do sentido do carnaval na Idade Média e Renascimento. Da festa ter uma conotação de subversão, no caso, a feira, foi uma maneira de combater o preconceito e a não aceitação das diferenças, subvertendo a cultura geradora da intolerância religiosa. As roupas e os elementos que compõem as cerimônias religiosas foram fundamentais para criação de um ambiente marcado pela diversidade, não somente expressa nos livros, cartazes que os estudantes fizeram, mas também nas roupas e nos ornamentos expressos pelo corpo.

Para Freire (1998), os estudantes aprendem com os fatos criados, nesse caso com a feira-festa, pois se trata de um fato que instiga a curiosidade, aqui pela combinação de quatro

orientações religiosas diferentes apresentadas na feira (cristianismo, espiritismo, batuque e judaísmo), ao invés de se fazer um julgamento apressado produzindo discriminação e preconceito.

Para Freire (2014) a tolerância é uma virtude revolucionária, pois é mediadora entre o sujeito e o mundo. De acordo com o autor “a tolerância verdadeira não é condescendência nem favor que o tolerante faz ao tolerado. Mas ainda, na tolerância verdadeira não há propriamente o ou a que tolera e o ou a que é tolerado (a). Ambos se toleram” (FREIRE, 2014, p.26). Falar em tolerância é falar na interação com o outro, na aceitação do outro como ele é. O evento “Feira das Religiões” foi uma ação pensada pelos estudantes que gera curiosidade e ao mesmo tempo mexe com as referências religiosas de cada pessoa, implicando em uma reorganização ou ressignificação de suas impressões iniciais.

Autores do lazer como Marcellino (1987) também destacam a educação como um meio de transformação da vida dos sujeitos, no sentido de construção de valores democráticos que possam gerar melhores condições de vida para a população e aqui consideramos que essas melhorias são no sentido de construção de novos modos de ver o outro, de se colocar no lugar do outro e de respeitá-lo como é, essa é uma forma de romper com as barreiras intraclasses sociais.

No evento “Feira das Religiões” podemos identificar que estão presentes os conteúdos social, artístico e intelectual do lazer. O conteúdo social está presente porque o evento promoveu a sociabilidade entre os visitantes da feira, por meio da troca de conhecimentos; o conteúdo artístico pode ser identificado nas roupas e adornos que os estudantes vestiram, performando personagens, representando cada uma das religiões e o conteúdo intelectual, o conhecimento produzido por meio de cartazes, folhetos e livros expostos e que ganharam vida nas explicações dos estudantes aos visitantes que chegavam a cada tenda. Portanto, embora a religião não seja propriamente uma atividade do contexto do lazer, os estudantes construíram um evento com foco nas religiões que pode ser caracterizado como uma atividade do contexto do lazer.

Assim, vemos que autores da linguística, da educação e dos estudos do lazer são fundamentais para serem estudados na formação de professores e são referências no combate à intolerância de todo tipo, sendo aqui a religiosa, foco de nossa atenção. Freire (1998) defende a educação como um meio de acesso ao conhecimento para que a vida das pessoas possa ser mais esperançosa, sendo que por meio da educação podemos combater as injustiças sociais, desigualdades e as intolerâncias como a religiosa.

Considerações finais

Conclui-se que propostas interdisciplinares que incluem o lazer e educação, tratadas na formação de professores e aplicadas na escola são ações que podem além de despertar o interesse e viabilizar o acesso a novos conhecimentos serem pontos de partida para temas que necessitam ser debatidos de forma localmente e globalmente como as barreiras sociais do lazer e a intolerância religiosa, no sentido de minimizar os preconceitos.

É fundamental os cursos de formação profissional, de formação inicial ou continuada, debaterem sobre a questão dos preconceitos na sociedade atual e buscarem saídas ou possíveis soluções para viabilizar aos sujeitos a produção de novos conhecimentos, assim como potencializar a criação e inovação a partir dos recursos e conhecimentos disponíveis.

A tolerância no sentido freiriano só poderá ser uma realidade se os professores em formação tiverem acesso aos conhecimentos que dizem sobre a realidade vivida e que os instiguem a participar ativamente desse meio junto às pessoas com as quais se convive, sendo

assim um mútuo processo de aprendizado.

Estudos futuros serão bem-vindos já que a intolerância religiosa e os preconceitos de modo geral são recorrentes no Brasil. O trabalho educativo na formação de professores vislumbrando um exemplo ou aplicação na escola pode ser um caminho efetivo para combater esses problemas.

Referências

BAKHTIN, M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

CONCEITO DE COMUNIDADE. Disponível em: <https://conceito.de/comunidade> Acesso em 28 out 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13ed. Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia tolerância**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação**. 11 ed. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, Autores Associados, 5a Ed., 2012.

PORFÍRIO, F. "Intolerância religiosa"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/intolerancia-religiosa.htm>. Acesso em 27 de março de 2023.

REQUIXA, R. **Lazer e ação comunitária**. São Paulo: SESC, 1973.

STOTZ, E. N. Participação Social. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/parsoc.html>

Acesso em 21 out 2022. 2022.

STURMER, A. B., COSTA, B. P. da. Território: aproximações a um conceito-chave da Geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.3, p. 50-60, 2017.